

COMUNICADO da LISTA A

SOBRE o SINDICALISMO

O ensino reflete sempre, de forma mais ou menos agudizada, o sem número de contradições existentes na sociedade capitalista, na qual ele presentemente se insere. Assim nós assistimos dentro das nossas escolas a um desenrolar sem fim de vários tipos de contradições que vão desde aquelas que se referem a uma ou outra questão particular do ensino que nos é ministrado até aos traços gerais em que ele está esquematizado.

Devido há existência inevitável destas contradições os estudantes sempre se uniram e organizaram para estudarem as melhores formas de as resolver. Mesmo nos momentos mais difíceis, em que a repressão da burguesia sobre todo e qualquer movimento reivindicativo desde logo actuava empregando os métodos mais repressivos por maior raiva com que se abatesse a violência reaccionária da burguesia sobre estes movimentos reivindicativos, nunca os conseguiu abafar ou belar definitivamente. É isto porquê? Porque a existência ou não do movimento reivindicativo, do movimento sindical, não pode depender da vontade subjectiva desta ou daquela facção da burguesia. Ele existe e existirá inevitavelmente, enquanto existirem as contradições inerentes ao ensino e a sociedade capitalista. É assim que após o 25 de Abril vamos levantar do Norte e Sul do país um forte movimento sindical dos estudantes que visem alterações mais ou menos profundas no ensino fascista. Contrariamente ao que muitos oportunistas apregoem, o sindicalismo estudantil não morreu. Antes pelo contrário, para mau fado de toda a burguesia portuguesa, ele redobrou de força, alastrou-se a zonas onde praticamente ainda não existia qualquer resistência ao ensino burguês ampliou as suas dimensões tanto o nível qualitativo como quantitativo. Foram as lutas da época de Junho, pela defesa do apto e não-apto, pela não realização dos exames fascistas, pela instituição de métodos mais democráticos na aprendizagem, pela reestruturação de matérias, pelo saneamento, pela gestão democrática das escolas, contra as várias tentativas da burguesia de boicotar todas as nossas decisões e empreendimentos. Poderoso movimento reivindicativo que se alastrou até hoje e que agudizou em extremo as contradições da política da burguesia pere o ensino como é prova a questão do serviço cívico, em que as várias forças da coligação governamental não se entendem. Desde os tempos de feroz repressão fascista até hoje podemos sempre verificar que contra as medidas anti-populares que a burguesia pretende impôr ao ensino, pela resolução dos nossos problemas que dia a dia nos surgem nas escolas, só com uma força podemos contar — a nossa força unida e organizada. Por tal facto sempre soubemos preservar contra todos aqueles que querem ver esta nossa força destruída os princípios que orientam o Movimento Associativo. Os princípios do M.A. não servem, contrariamente ao que apregoam os 4 ventos todos aqueles que utilizando outras nomenclaturas pretendem conseguir o mesmo que o fascismo não conseguiu por meio da repressão forçar a acabar com o sindicalismo estudantil — para colocarem os estudantes a reboque dos reformistas. Os princípios do M.A. não são "caducos", "ustótreis" ou "reformistas", eles são, efectivamente, um dos meios para preservar a força do MA pois eles colocam-se ao serviço de um forte movimento coeso e de massas. Defendemos, pois, intransigentemente, contra todos aqueles que pretendem tornar o MA em movimentações grupusculares mais ou menos "radicalizadas", muito proveitosas à infiltração das ideologias pequenas burguesas de marginalização dos estudantes, por um movimento sindical ou associativo coeso, forte e de massas, única forma de arrancarmos à burguesia esta ou a qual vitória, de lhe podermos fazer frente, de possibilitar que as ideias progressistas de servir o povo nas escolas, sejam compreendidas e adoptadas por largos sectores da estudantes.

Por isso defendemos:

- a democraticidade - porque o MA ou S não deve nunca perder a sua base de massas. A sua orientação e as suas decisões devem assentar numa ampla democracia. Todos os estudantes devem ser consultados sobre todos os problemas e sobre eles devem decidir. A minoria deve submeter-se à maioria.

- a unidade - para que o MS seja um forte movimento é necessário que ele seja coeso, único. A existência de mais do que uma tendência para o Movimento Sindical é inevitável, pois dado o seu carácter de grupo social heterogénico e desligado da produção, os estudantes podem defender este ou aquele programa político. No entanto, devemos combater todos aqueles que pela sua ideologia política pretendem sabotar o MS transformando o sindicalismo de massas em sindicalismo de seitas. A unidade do MS não é criada a partir de decretos como pretendem os reformistas, mas constroi-se e consolida-se na luta contra objectivos concretos da ensino da burguesia.

- a apertidarismo e a arrreligiosidade - porque englobe dentro de si toda uma série de elementos partidários, mas também a enorme massa de estudantes sem partido e porque ele é independente do credo que cada um professa.

- a politicidade - o que não podemos é, agitando a bandeira do apertidarismo do MA, pregar às escondidas uma pseudo-apoliticidade do mesmo. No seu seio a discussão política de todos os problemas deve ser uma arma e utilizar por todos os progressistas. Não devemos impedir

que as várias opções políticas surjam no movimento, devemos, sim, lançar uma luta sem tréguas contra todos os oportunistas e assegurar, desse modo, que o MS dos estudantes se coloque e deliberadamente e de uma forma consciente ao serviço do Povo Português e da política da Profa. tarinada.

- a resistência- não tendo os estudantes a capacidade de modificar a sociedade, pois este papel renovador só pode competir à classe operária, e verificando que enquanto o ensino estiver ao serviço da burguesia, existirão inevitavelmente problemas que urge resolver, os estudantes vêem-se obrigados a trevar uma luta de resistência nas escolas. De resistência contra as tentativas da burguesia de tornar o ensino cada vez mais selectivo, de resistência à ideologia burguesa que nas escolas nos impingem, de resistência à nossa lenta transformação em quadros servidores de uma sociedade que consideramos injusta e decadente, de resistência nas vitórias que tentamos consolidar, etc.

- a representatividade-devemos lutar para que todas as estruturas da organização sindical estudantil sejam verdadeiramente representativas das necessidades destes. Para tal não basta que sejam eleitas pelas largas massas, é fundamental que após a sua eleição sejam controladas, efectivamente, pelas massas. Este controle só será efectivo e consequente se existir uma longa prática de luta e a existência da organização dos estudantes na base.

Para levar para a frente a luta contra o carácter reacccionário e repressivo do ensino da burguesia é necessária uma forte organização sindical. Assim como defendemos o carácter unitário do movimento sindical também defendemos a necessidade de organizações sindicais únicas. A criação de organizações paralelas só serve para desunir e dividir os estudantes e diminuir a capacidade de arrancar vitórias à burguesia.

Também a organização sindical dos estudantes deve ser apartidária, não podendo fazer parte integrante nem do aparelho de estado nem ser um apêndice de qualquer partido ou organização política.

A organização sindical é composta pelas estruturas de curso, que com todo o conjunto de estruturas intermédias -juntas de delegados, inter-juntas, etc- que culminando na DG, formam as AAEE.

Os organismos de base são as Comissões de Curso. Sem a organização dos estudantes na base, estes perdem a capacidade de consequentemente resolverem os seus problemas. Para essas estruturas devem ser eleitos aqueles que mais ardor mostrem na luta contra o ensino burguês, aqueles que e melhor possam alertar todos os colegas para os problemas dos cursos e fazer com estes participem activamente na sua resolução. Toda a sua actividade deve ser amplamente controlada pelos estudantes, podendo ser revogada a todo o momento. Só assim podemos evitar que estas estruturas sejam transformadas em órgãos cupulistas e traidores das decisões democráticas dos estudantes.

Todas as outras estruturas devem também ser controladas, pelos estudantes, podendo os elementos que as integram serem demitidos a todo o tempo.

É, portanto, um objectivo imediato dos estudantes a reconstrução de toda a organização sindical destruída pelo regime fascista.

Só assim poderemos enfrentar todas as manobras da burguesia e lutar consequentemente por um Ensino Ao Serviço Do Povo.

Coimbra, 6 de Fevereiro de 1975.

LISTA A - AO SERVIÇO DO POVO VENCEREMOS

(proposta pelos Núcleos Sindicais)